

Mercado vê supercrescimento

Analistas refazem as contas e projetam que o Brasil terá, neste ano, a maior expansão econômica desde 1986. Mas há sinais de descontrole

» VÂNIA CRISTINO

O Brasil pode ter, em 2010, o maior crescimento econômico dos últimos 24 anos. Com a previsão de inflação em alta — uma aposta que já dura 16 semanas —, o mercado financeiro passou a projetar expansão de 6,26% para o Produto Interno Bruto (PIB), taxa que não se vê desde 1986, ano do Plano Cruzado. Até a semana passada, os quase 100 analistas e consultores ouvidos pelo Banco Central, por meio da pesquisa Focus, estimavam avanço de 6,06%. Foi a oitava revisão seguida.

O problema dessa pujança toda, segundo os economistas, é que ela não é sustentável, pois pode vir acompanhada de um surto inflacionário, o qual o Banco Central já está tentando evitar por meio do aumento da taxa básica de juros (Selic), que passou de 8,75% para 9,50% ao ano. Para o economista-chefe da Personale Investimentos, Carlos Thadeu Filho, é preciso ter cautela e não se deixar contaminar pela euforia, permitindo que a situação corra frouxa somente porque este é um ano de eleição e o governo está empenhadíssimo em fazer da petista Dilma Rousseff a sucessora do presidente Lula.

Na avaliação de Thadeu, quando se analisa detalhadamente os atuais números da economia, percebe-se distorções, mas nada que seja motivo de alarde, pelo menos por enquanto. "Não estamos diante de uma bolha de crescimento", afirmou. "Na verdade, o que vemos é uma recuperação cíclica da atividade depois do forte tombo provocado pela crise mundial. Acredito que, ao longo do tempo, o crescimento perderá parte do fôlego, até porque o BC tenderá a pesar a mão para levar a inflação ao centro da meta, de 4,5%", acrescentou. "O tamanho e a intensidade do aperto monetário será maior, com a Selic ficando entre 13% e 14%."

Para o economista da Personale, o Brasil só teria capacidade para crescer por um período prolongado a taxas superiores a 6% ao ano se os investimentos produtivos fossem mais fortes. "Infelizmente, não é o que se vê. Bastou o país deixar a crise para trás para que o uso da capacidade instalada da indústria encostasse no limite", ressaltou. A seu ver, com o atual tamanho do parque produ-

Viktor Drachev/AFP - 15/9/05



Consumo maior está facilitando o aumento dos preços. A batata-inglesa subiu 22,13% nos últimos 30 dias. IGP-M e IPC-S começaram maio em elevação

tivo brasileiro só é possível crescimento entre 3,5% e 4% ao ano para que a inflação fique próximo ao centro da meta. "Acima disso, a expansão do PIB deixa de ser benéfica, com a economia passando a sofrer efeitos colaterais", frisou

Resistência

O economista-chefe do Banco Schahin, Sílvio Campos Neto, é da mesma opinião. No seu entender, há muitos problemas no supercrescimento da economia, principalmente quando se olha para as contas públicas. O governo está gastando demais, tornando o consumo excessivo. "O ideal seria que o governo tivesse um papel neutro e o ritmo da atividade fosse ditado pelo setor privado, capitaneado pela indústria. Mas, da forma como está hoje, o crescimento acima de 6% não é sustentável. Gera desequilíbrio e leva à inflação e ao aumento do déficit nas contas externas (pela necessidade de



Bastou o país deixar a crise para trás para que o uso da capacidade instalada da indústria encostasse no limite"

**Carlos Thadeu Filho,
economista-chefe da Personale Investimentos**



O ideal seria que o governo tivesse um papel neutro e o ritmo da atividade fosse ditado pelo setor privado"

**Sílvio Campos Neto,
economista-chefe do Banco Schahin**

mais importação)", observou.

Como o governo ainda tem se mostrado bastante reticente em relação ao corte de gastos — apesar das declarações do ministro da Fazenda, Guido Mantega, nesse sentido (veja texto nesta página) — Campo Neto disse que o ônus do ajuste ficará a cargo do BC. "Não será surpresa nenhuma se o Banco Central for obrigado a fazer um ajuste mais intenso por um período mais longo", ponderou. O economista, inclusive, já reviu para cima o aumento da carga de juros. "Vai subir pelo menos três pontos, podendo ultrapassar esse patamar", afirmou.

É esse aumento mais forte dos juros que leva economistas a resistirem em rever a estimativa de crescimento para o PIB em 2011 — ela se mantém em 4,5% há 22 semanas. Em meio a esse quadro, a projeção de inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para este ano subiu de 5,42% para 5,50%. E, para o ano que vem, em 4,80%.